

SOCIEDADE E VELHICE: Discussões sobre o idoso e suas relações com a sociedade contemporânea

Gabriel Alves dos Santos¹
Francisco Fabiano de Freitas Mendes²

RESUMO: Diante da velocidade e das transformações que as relações sociais vêm sofrendo desde o desenvolvimento industrial, esse trabalho vem abrir caminhos para se discutir o lugar do idoso no centro dessas mudanças. A metodologia a ser trabalhada incidirá sobre a análise de um documentário da plataforma digital YouTube. Em conjunto a isso, debruçar-se-á sobre a teoria dos papéis sociais, da filósofa Agnes Heller; e sobre as considerações de Walter Benjamin a despeito da arte de narrar e da experiência e seu descrédito. Nessa perspectiva, o objetivo principal é abrir espaços para enfatizar que a velhice é uma fase da vida que se encontra a margem da sociedade, de modo geral, e que é vista com certo desdém.

Palavras-chave: Idoso. Papéis sociais. Narrar. Experiência. Velhice.

SOCIETY AND OLD AGE: Discussions about the elderly and their relations with contemporary society

ABSTRACT: In view of the speed and transformations that social relations have been undergoing since industrial development, this work opens the way to discuss the place of the elderly at the center of these changes. The methodology to be worked on will focus on the analysis of a documentary on the YouTube digital platform. Together with this, it will address the theory of social roles, by the philosopher Agnes Heller; and on Walter Benjamin's considerations in spite of the art of narrate and experience and his discredit. In this perspective, it will open spaces to emphasize that old age is a phase of life that is on the margins of society, in general, and that is viewed with a certain disdain.

Keywords: Elderly. Social Roles. Narrate and Experience. Old age.



Introdução

Desde a chegada das revoluções sociais, a partir do século XVIII, a sociedade – entendida aqui da maneira mais ampla possível – passou por uma série de transformações sociais, culturais, políticas e econômicas. Uma das relações sólidas que sofreram, de certa forma, com as mudanças sociais a partir desses momentos foi o papel das pessoas mais velhas. Houve profundas rupturas na forma como esses indivíduos passaram a ser vistos socialmente, e esse novo olhar não era nem de longe algo a ser louvável e celebrado.

Essa nova concepção que se tem sobre a velhice está intimamente ligada com o novo padrão de vida societário, pois “Lamentavelmente hoje a sociedade está lidando com um *ethos* no qual predominam valores materialistas, consumistas e individualistas.” (MENDIONDO, 2002, p. 90). Sendo assim, é explícito que o mundo moderno e contemporâneo modificou os valores que norteavam as sociedades passadas, de modo que novas estruturas societárias surgiiram, configurando novas maneiras de relações, de existências, de hierarquias.

¹ Graduando em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. ID Lattes: 4986-8340-0521-6819. ORCID: 0000-0003-3158-6043. E-mail: gabrielalves@alu.uern.br.

² Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo – USP. Professor do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. ID Lattes: 7845-3443-1261-7032. ORCID: 0000-0003-1232-9391. E-mail: fabianomendes@uern.br.

As pessoas veneram e consomem padrões determinados de beleza, juventude, saúde e outros, em detrimento de tudo aquilo que não se ajusta a tais padrões. A velhice por não enquadrar-se dentro do estabelecido como algo positivo e valioso de ter, vê-se prejudicada. (MENDIONDO, 2002, p. 90).

As discussões teóricas dos filósofos Walter Benjamin e Agnes Heller retratam, aqui, justamente o descrédito que as pessoas velhas têm sofrendo, desde séculos passados, desde, fundamentalmente, o desenvolvimento do capitalismo. Walter Benjamin irá trabalhar sobre a acepção de que as experiências estão em colapso, de modo que atos como o de narrar, contar histórias, enunciar experiências são valores e atividades cada vez mais extintos.

Agnes Heller, por seu turno, teoriza bastante sobre o cotidiano e sua ligação com os papéis sociais. Sobre sua teoria, será enfatizado o que está intimamente relacionado com o lugar e papel dos idosos nessas sociedades modernas, tendo em vista que a pensadora trará para luz questões como a dinâmica dos papéis sociais em sociedades tradicionais, fundamentalmente aquelas que são pré-capitalistas. Segundo ela, os comportamentos das pessoas mudaram muito e nesse mundo moderno o que se vê em demasia é a estereotipagem dos papéis.

Tal discussão seráposta em perspectiva histórica, passando por alguns momentos da história, buscando identificar e inserir na problemática as diferentes formas que as sociedades enxergavam os velhos. Dessa maneira, será discutido quais eram os lugares dos mais velhos ao longo da história, demarcando as permanências e rupturas que houve ao longo do tempo, desde períodos em que não havia registro de escrita até a chegada do mundo moderno.

Uma viragem dos valores: falas e críticas de um documentário

No documentário que aqui proponho analisar, intitulado *O Lugar do Idoso na Sociedade*, tecem-se algumas críticas à forma como os idosos são tratados desde a aparição do capitalismo. Nesse sentido, o documentário está organizado nas falas de Luiz Gustavo Gomes (especialista em educação e sociedade), Rebeca Bueno (Psicóloga) e de duas idosas asiladas, Dona Diomira e Dona Eunice. Será proposto, então, análise de algumas dessas falas e críticas, de modo que será exposto como as duas idosas se sentem nessa fase de suas vidas, a da velhice.

As discussões do documentário têm início com a fala de Luiz Gustavo Gomes, na qual ele irá problematizar o mundo capitalista como sendo um causador da redução do ser humano à agente produtor, de modo que ele é visto e valorizado pelo que consegue produzir. Em seguida, ele dirá que a relação do idoso com essa sociedade capitalista é de descrédito, pois ao se aposentar esse indivíduo se afasta do sistema produtivo, do mundo materialista e, portanto, na lógica desse modo de produção, o idoso é lamentavelmente visto como improdutivo, perdendo seu vínculo com tal sociedade.

A psicóloga, por sua vez, falará sobre como os idosos se sentem, sobre suas subjetividades, dizendo que a desvalorização e a exclusão social são características que marcam os seus sentimentos. Ela ainda afirma que mesmo que essa grande porção da população tenha contribuído a maior parte da sua vida trabalhando e produzindo, no final das contas, a sociedade a exclui – sinal de que isso pode causar futuramente uma depressão.

Além disso, uma das falas que está intrinsecamente ligada ao que será trabalhado aqui, é de Luiz Gustavo, que diz o seguinte:

Os jovens (...) devem olhar para o idoso como uma pessoa que acumulou uma sabedoria de vida (...) que não se encontra em uma biblioteca, em um livro, em um documentário, é uma sabedoria viva e que muitas vezes nós aprendemos com essa sabedoria coisas que são ligadas diretamente a essência da vida.

Em outros termos, o idoso é visto para esse especialista educacional como um acumulador de conhecimento, de memórias e experiências, ele é o agente transmissor da tradição. Esses pontos de vistas serão mencionados novamente, em momentos posteriores deste trabalho. Ademais, Gustavo irá afirmar que uma das mudanças trazidas desde meados do século XX para o século XXI é a de que “(...) a família também sofreu uma modificação grande e o idoso ele acaba muitas vezes sendo uma peça indesejada quando se trata de projeto familiar.”

Essas falas apontam para um fenômeno que é cada vez mais comum no século XXI, o asilamento. Tornou-se frequente deslocar o idoso para instituições que possuem a natureza de asilo. Essa pauta também é falada no vídeo e, para expor isso, trago as falas das duas idosas em situação de asilamento.

A primeira é da Dona Diomira, que diz:

Família minha não ajudou em nada. Eu tenho um sobrinho rico, tenho um irmão que foi deputado. Nunca perguntaram se eu tava precisando de alguma coisa (...). Essa segunda é da Dona Eunice: “Eu adoro visita, porque eu sou sozinha no mundo. Eu não tenho pai, não tenho irmãos, já faleceu tudo.”

Esses discursos serão analisados com vigor posteriormente, sobretudo quando os referenciais teóricos forem elucidados. Esse documentário foi produzido no ano de 2014, sendo muito pertinente e interessante para dar espaço a um problema que merece muita atenção. Essa é uma pauta social de longa data e, por consequência, deve ser falada e discutida amplamente. Problematizar essas questões é pensar que, em um futuro no qual a tendência é o envelhecimento demográfico, os idosos precisam de amparos mais conscientes e afetivos, eles precisam recuperar o papel de anciões que tinham em tempos pretéritos.

Um panorama histórico sobre os velhos e a sociedade

Em sociedades sem escrita, consideradas arbitrariamente como pré-históricas, os mais velhos eram, sem sombra de dúvida, pessoas dotadas de valores, sobretudo os valores de experiências, pois eles eram considerados anciões, acumuladores de sabedoria. Eram pessoas que possuíam uma importância social expressiva, e, principalmente por essa razão, eram respeitados. Como diz Jacques Le Goff (2013, p. 393),

Nestas sociedades sem escrita há especialistas da memória, homens-memória: ‘genealogistas’, guardiões dos códices reais, historiadores da corte, ‘tradicionalistas’, dos quais Balandier [1974, p. 207] diz que são ‘a memória da sociedade’, simultaneamente depositários da história ‘objetiva’ e da história ‘ideológica’, (...). Mas também ‘chefes de família idosos, bardos, sacerdotes’(...).

Na Idade Medieval, já com o advento da escrita, os mais velhos continuavam possuindo uma posição socialmente importante, visto que a “Idade Média venerava os velhos, sobretudo porque via neles homens-memória, prestigiosos e úteis.” (LE GOFF, 2013, p. 410). Essa valorização da memória não existe sem um fundamento, visto que a memória também é um objeto de poder. Lembrar e esquecer são atos que podem ser circunscritos na chave do poder, do jogo político, pois quem lembra possui autoridade para legitimar e evocar discursos hegemônicos, que cristalizam determinadas identidades em vez de outras.

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 2013, p. 435).

Com a chegada da Idade Moderna, muitas situações sociais irão mudar paulatinamente, mormente as relações entre gerações, entre os mais novos e os mais velhos. Sociedades tradicionais, norteadas por velhos costumes, irão entrar em embates com as sociedades modernas - orientadas, segundo Eric Hobsbawm (1997), por tradições inventadas, novas formas de romper com o passado que não é mais compatível com os valores doravante vigentes.

Pode-se observar uma nítida diferença entre as práticas antigas e as inventadas. As primeiras eram práticas sociais específicas e altamente coercivas, enquanto as últimas tendiam a ser bastante gerais e vagas quanto à natureza dos valores, direitos e obrigações que procuravam inculcar nos membros de um determinado grupo: ‘patriotismo’, ‘lealdade’, ‘dever’, ‘as regras do jogo’, ‘o espírito escolar’, e assim por diante.” (HOBSBAWM, 1997, p. 10).

Nessas novas sociedades, de natureza moderna, o passado é pouco relevante, pois é classificada como obsoleto. Posto assim, essa desvalorização do passado é uma marca própria do mundo moderno, segundo a qual “(...) as novas tradições não preencheram mais do que uma pequena parte do espaço cedido pela decadência secular das velhas tradições e antigos costumes; aliás, isso já poderia ser esperado em sociedades nas quais o passado torna-se cada vez menos importante (...).” (HOBSBAWN, 1997, p. 10-11).

Concomitantemente, o historiador Edward Thompson (1998, p. 23) sintetiza o que há de mais evidente no distanciamento entre passado e presente: “É isso sobretudo que estabelece a distinção entre o ‘pré-industrial’ ou ‘tradicional’ e o mundo moderno. As gerações sucessivas já não se colocam em posição de aprendizes umas das outras.” Percebe-se, então, o quanto modificador foi o fator industrial nessa rachadura entre passado e presente. Desde o período pré-histórico, passando pela antiguidade e pelo medievo a posição social dos velhos variaram pouco, porém com a chegada do mundo moderno sua posição vai mudando quase que drasticamente – a velhice deixa de ser essencial.

Uma subversão dos valores: reflexões benjaminianas

Walter Benjamin tece algumas considerações sobre a narração, sua decadência e alguns elementos que estão ligados aos grandes valores do narrar. O que se busca aqui é lograr a relação entre a decadência da narrativa com a desestabilização da relevância dos mais velhos na esfera social. Para isso, as devidas conexões serão feitas, e mais uma vez se perceberá que o mundo moderno, com as suas peculiaridades e idiossincrasias, estará, de certa forma, no cerne dessa questão.

Essa discussão é uma extensão do panorama histórico feito anteriormente, no qual, com o avançar do tempo e a chegada do industrialismo e capitalismo, as relações societárias vão se esfacelando, as tradições vão se tornando antiquadas e os valores morais vigentes em tempos pretéritos são subvertidos ou substituídos pelas novas configurações estruturais da vida moderna. Dessa forma, Benjamin (1987, p. 197) dirá: “É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente.”

Por conseguinte, tal pensador expõe um dos motivos que tornam a arte de narrar algo raro, “Uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo.” (BENJAMIN, 1987, p.198). É no que concerne a experiência o principal motivo dessa discussão que proponho aqui, pois possuir experiência não é mais um valor tão louvável - experiência no seu sentido essencial: de vida.

A tradição está mais que presente nessas considerações benjaminianas, pois elas representam e fazem menção às formas de se transmitir o conhecimento e às experiências do passado. Jeanne Marie Gagnebin faz menção aos escritos de Benjamin que tratam sobre a narração, sobretudo o seu texto “O narrador”, do qual estamos nos debruçando até o momento. Ela diz que a experiência da qual Benjamin trata é a “que repousa sobre a possibilidade de uma tradição compartilhada por uma comunidade humana, tradição retomada e transformada, em cada geração, na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho.” (GAGNEBIN, 2006, p. 50).

É justamente tal experiência que está em jogo aqui, de modo que se ela está em decadência e, por sua vez, se os velhos são sujeitos dotados de experiências, portanto de capacidades de transmitir seu conhecimento de geração a geração, então os mais velhos e a transmissibilidade da tradição não se dissociam. A conservação da tradição está a muito tempo comprometida, porque o ato de ouvir histórias, de ouvir a voz da experiência, a voz da vida, se tornou praticamente inexistente. Os idosos são pouco ouvidos no mundo contemporâneo e suas histórias pertencem ao âmbito do silêncio. “Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história.” (BENJAMIN, 1987, p. 205).

Outro fator importante que contribui para a extinção da arte de narrar é, segundo Benjamin (1987, p. 203), a difusão da informação, pois “Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes”. Trazendo para o signo do globalismo, essa difusão de notícias é um fenômeno comum e frequente do mundo contemporâneo, visto que a condição de desenvoltura tecnológica permite que praticamente todo o planeta esteja interligado. Esse ambiente global de interligação propicia ótimas condições para a expansão das notícias, e é exatamente isso que acontece: estar interligado globalmente é sinal de que o indivíduo possui um smartphone ou algo do gênero e que em alguns cliques ele tem acesso ao que acontece a milhares de quilômetro de onde está.

Sem dúvidas, a globalização contribui demasiadamente para o declínio do ato de narrar histórias, pois quem terá tempo para ouvir os mais velhos em um contexto em que a velocidade, a propagação e a expansão da informação não para de cessar? Ou quem perderá seu precioso tempo com essas histórias quando o que realmente importa é saber sobre os escândalos e fofocas de um fulano e fulana famoso nas redes sociais?

Esta discussão é de fato extensa e profundamente problemática, mas sem sombra de dúvidas os idosos são sujeitos dotados de uma sabedoria plena, riquíssima, da qual, como dizia o Luiz Gustavo, “(...) não se encontra em uma biblioteca, em um livro, em um documentário, é uma sabedoria viva e que muitas vezes nós aprendemos com essa sabedoria coisas que são ligadas diretamente a essência da vida.” Em complemento, “(...) o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio (...). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira.” (BENJAMIN, 1987, p. 221).

Papeis sociais e alienação: velhice e capitalismo em Agnes Heller

Como se sabe, Agnes Heller é uma marxista, integrante da Escola de Budapest e seguidora de Georg Lukács. Nesse sentido, será trabalhado nessa seção algumas críticas tecidas por essa filósofa ao capitalismo, sobretudo críticas que perpassam questões éticas e sociais – é precisamente nessas nuances que se trará à tona novamente a discussão para o espaço da velhice.

Em sua grande obra *O cotidiano e a história*, Agnes Heller irá teorizar, sobretudo, a respeito da cotidianidade, dos papéis sociais e dos valores morais e éticos que pautam uma sociedade, abordando esses assuntos dentro de uma perspectiva histórica. O capitalismo está nitidamente demarcado na tessitura dessa obra, sendo relevante na medida em que atinge de diversas formas a estrutura da sociedade, estabelecendo relações e comportamentos específicos entre as pessoas.

Sendo assim, podemos citar inicialmente algumas considerações sobre o cotidiano e a sua alienação. Agnes Heller (2016, p. 49) dirá que “(...) a estrutura da vida cotidiana, embora constitua indubitavelmente um terreno propício à alienação, não é de nenhum modo necessariamente alienada.” É a partir desse momento que o capitalismo entra em cena, pois ele será o grande responsável e maior alienador de todos os tempos. Por conseguinte,

Existe alienação quando ocorre um abismo entre o desenvolvimento humano-genérico e as possibilidades de desenvolvimento dos indivíduos humanos (...). Esse abismo não teve a mesma profundidade em todas as épocas nem para todas as camadas sociais; assim, por exemplo, fechou-se quase completamente nas épocas de florescimento da polis ática e do Renascimento italiano; mas, no capitalismo moderno, aprofundou-se desmesuradamente. (HELLER, 2016, p. 49-50).

Claro está que o capitalismo impactou bastante o cenário moderno, sendo a alienação uma das principais contribuições negativas que esse sistema econômico medrou intensamente. Em uma outra passagem de sua obra, a filósofa reforçará as críticas sobre esse modo de produção, dizendo o seguinte:

(...) o capitalismo desenvolvido aliena todas as relações humanas, cristalizando em papéis todos os sistemas consuetudinários, todas as hierarquias de comportamento etc., de tal modo que os fatos vitais imprescindíveis para a convivência humana, tais como a imitação, os estereótipos básicos, a relação com a tradição, os costumes etc., passam a aparecer sob a forma de papéis.
(HELLER, 2016, p. 116).

Em consequência disso, nota-se que o capitalismo irá interferir na tradição e nos costumes – subvertendo, ressignificando e/ou substituindo ambos. Como já foi mencionado, as sociedades tradicionais vão perdendo lugar com a chegada da Idade Moderna, rupturas foram logradas e novas configurações estruturais emergiram. Em suma, isso pode ser expresso novamente da seguinte maneira:

As sociedades pré-capitalistas orientavam-se essencialmente para o passado. Isso implicava não apenas numa estabilidade relativa dos usos assimilados, mas também na orientação da totalidade da vida pela atitude das gerações anteriores, dos antepassados. Os filhos imitavam os pais, os netos imitavam os avós; e isso ocorria em todos os aspectos da vida, das experiências da produção até a moral. Essa situação acarretava, entre outras consequências, o prestígio dos anciãos, e a idade se tornava portadora de múltiplos valores. Os velhos eram os que melhor conheciam as experiências do passado e os mais capazes de resumi-las de modo útil. Com a ascensão da sociedade burguesa, a orientação para o futuro começa a se impor crescentemente, a partir do Renascimento, no sistema da convivência humana. (HELLER, 2016, p. 101).

Eis então uma rápida exposição de como as sociedades pré-capitalistas se orientavam e davam sentido à vida. Nesse novo mundo, os valores são outros, as aspirações também – o que se quer é o oposto de ser velho, é a beleza de ser jovem e não desejar ser transformado pelo passar dos anos e pelo avançar da idade. A historiadora Mary Del Priore (2001, p. 124) exprime com concisão e exatidão o contexto atual no qual se insere essa problemática: “Cada ruga conta uma bela história de vida. São nossos velhos. Somos nós amanhã, herdeiros infelizmente de uma sociedade cujos valores mais importantes são a juventude e o progresso.”

Sobre envelhecer

O envelhecimento é um momento da vida humana que não pode ser evitado, ao menos não por natureza. O passar dos anos não cessa e não para de transformar as pessoas, seja fisicamente, seja mentalmente. Tendo isso em vista, elucido novamente as falas proferidas no documentário pelas duas senhoras. Primeiro, evoco o dizer da Dona Diomira: “Família minha não ajudou em nada. Eu tenho um sobrinho rico, tenho um irmão que foi deputado. Nunca perguntaram se eu tava precisando de alguma coisa (...).” A segunda fala é da Dona Eunice: “Eu adoro visita, porque eu sou sozinha no mundo. Eu não tenho pai, não tenho irmãos, já faleceu tudo.”

O intuito principal de proferir novamente esses falares caminha no sentido de uma apologia da velhice. Trata-se de sua defesa que, em tempos como esses, é necessária, pois não se deve relegar o envelhecer. Nas palavras de Platão (2018, p. 11), em conversas entre Sócrates e Céfalo, seu amigo, Sócrates dirá o seguinte:

(...) nada me agrada tanto como praticar com pessoas de idade; pois as considero como viajantes que percorreram um longo caminho, o qual eu talvez tenha que percorrer também. Por isso acho necessário informar-me se a estrada é lisa e fácil ou áspera e cheia de dificuldades.

Sócrates está se colocando em condição de aprendiz com Céfalo, que é um homem velho. Essa ótica de enxergar as pessoas mais velhas como portadoras de uma experiência de vida não é a mesma ótica presente nas sociedades de então. Na verdade, essa deveria ser a real essência da relação entre as gerações, de modo que os mais novos se coloquem numa posição de respeito e de receptividade às palavras dos idosos.

Paralelamente a isso, a velhice não deve ser temida, como se ao chegar nela o indivíduo perdesse todo o brilho da vida e todos os prazeres e oportunidades que dela emanam. Na verdade, envelhecer é condição de vida e todos, mais cedo ou mais tarde, chegaremos à essa situação. Em outra passagem de *A República*, Céfalo dirá, em conversa com Sócrates, que

Alguns se queixam das considerações que recebem dos próprios parentes e desafiam tristemente a cantilena de todos os males que a velhice lhes traz. Mas quer-me parecer, Sócrates, que essas pessoas culpam a quem realmente não é culpado. Porque, se a velhice fosse a causa, eu, que também sou velho, e todos os demais que o são sofreriam a mesma coisa. Mas tal não ocorre comigo, nem com outros a quem tenho conhecido. (PLATÃO, 2018, p. 11).

As palavras de Céfalo são claras, a velhice não é a causa de nenhum mal, de nenhuma fatalidade. Inclusive, em outro momento, Céfalo dirá que é muito possível se dar bem com o peso dos anos; a velhice, bem como a própria juventude, depende do caráter dos homens, este sim é o elemento que julga e desafia. (PLATÃO, 2018). Portanto, para encerrar, trago as palavras de Norberto Bobbio (1997, p. 29), “A velhice não está separada do resto da vida que a precede: é a continuação de nossa adolescência, juventude, maturidade.”

Considerações finais

A necessidade de debater e de abrir mais espaços para discutir questões associadas à velhice e como a sociedade, de modo geral, a lê e a circunscreve cotidianamente foi o principal motivo da feitura deste trabalho. Entender as demandas, necessidades, tristezas e alegrias dos idosos é um desafio para o mundo contemporâneo, pois mesmo que exista todo um aparato de leis que auxiliam, protegem e acompanham essas pessoas, também há os fatores morais que não necessariamente estão em pauta. O respeito, a educação, o cuidado, são qualidades e valores que estão em falta para com essa grande parcela da população brasileira, bem como mundial.

Evidentemente, não se quer afirmar aqui que questões como a institucionalização dos idosos não sejam algo louvável, pois ela é muitas vezes necessária. Pelo contrário, essa é uma demanda que tem em vista o bem-estar social dessas pessoas, mas isso não significa que a crítica não seja uma operação possível nesse caso. Segundo Marisa Silvana Zazzetta (2002, p. 92), doutora em Serviço Social,

a institucionalização dos idosos pode ser uma escolha que em muitas situações está embasada em valores negativos que conduzem à transgressão de regras, normas sociais e costumes. Exemplo disso, é quando familiares "depositam" o idoso em algum local ou instituição só com a finalidade de usufruir de seus bens, de esquecerem responsabilidades de manutenção e cuidado, etc., resultando em abandono, descaso e desvalorização do idoso enquanto ser humano.

São nesses casos em que os valores morais pesam, pois mesmo que a institucionalização seja necessária e defendê-la é fundamental, pode-se observar na citação acima que existem casos de asilamentos de idosos que extrapolam o universo da moralidade. Existem exceções, por exemplo, de famílias que não dispõem de tempo suficiente para cuidar dos seus parentes mais velhos, e por isso mesmo é que a institucionalização é mister para o amparo dessas pessoas.

São as atitudes como as mencionadas pela Marisa Silvana que merecem combate, ampla discussão e consenso. Pois, como já foi dito, o envelhecimento é um fenômeno social próprio desse século XXI, e tende a aumentar na medida em que as tecnologias e as condições de saúde progridem. Sendo assim, é importante uma atenção cada vez mais consciente para com o idoso, os mais velhos. E mesmo depois de quase vinte anos passados da fala da doutora em Serviço Social, a indagação e as considerações que ficam são praticamente as mesmas, a saber: “Quais são os espaços que a sociedade oferece para esse enorme contingente? A realidade demonstra que fora do âmbito familiar as oportunidades que têm o idoso são muito escassas. A mais tradicional é o asilo (...).” (MENDIONDO, 2002, p. 84).

Referências

- BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura.** Trad. Sergio Paulo Rouanet. Vol 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BOBBIO, Norberto. O mundo da memória. In: **O tempo da memória: De senectute e outros escritos autobiográficos.** Trad. Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias do cotidiano.** São Paulo: Contexto, 2001. Disponível em <https://docero.com.br/doc/n8c08>. Acesso em 8 jun. 2020.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer.** São Paulo: Editora 34, 2006. Disponível em <https://docero.com.br/doc/15sc>. Acesso em 27 mai. 2020.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** Trad Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições.** Orgs. Eric Hobsbawm; Terence Ranger. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Trad. Bernardo Leitão. 7 ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013.
- MENDIONDO, Marisa Silvana Zazzetta. Institucionalização do idoso: observância ou transgressão de sistemas normativo. In Gleny Terezinha Duro Guimarães (org). **Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectiva.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- PLATÃO. **A República.** Trad. Leonel Vallandro. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- THOMPSON, Edward. P. **Costumes em comum.** Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Fonte

- O Lugar do Idoso na Sociedade. Produção por Michell Lima. [S. I.: s. n.], 2014. 1 documentário (12 min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=s1mdb4gD0rw&t=522s>. Acesso em 25 jul. 2020.

Recebido em 14 set 2020
Aprovado em 15 out 2020

